

NOSSA MISSÃO E DIACONIA À LUZ DO CORAÇÃO MISSIONÁRIO DE MARIA

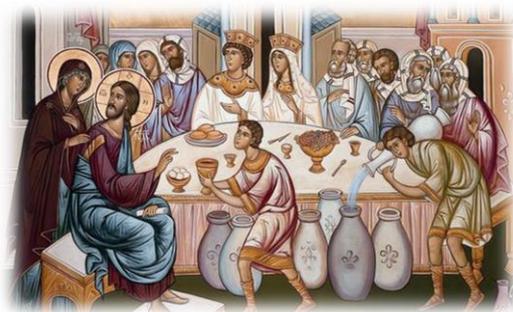
Como preparação à celebração do Imaculado Coração de Maria proponho uma reflexão mariana que ajude a revigorar nosso discipulado missionário. Tomo como referência dois textos do Evangelho de João. Para quem quiser fazer uma leitura mais aprofundada sobre esse assunto deixo uma indicação bibliográfica no rodapé desta página¹. Sugiro que este estudo seja realizado em dois encontros.

Há duas referências sobre Maria no evangelho de João: a primeira (Jo 2,1-12) apresenta Maria no casamento em Caná e na segunda ela se encontra ao pé da cruz (Jo 19,25-27). A primeira está localizada no Livro dos Sinais e a segunda no Livro da Exaltação.

Ao contrário de Mateus e Lucas, no quarto evangelho Maria nunca é chamada pelo nome. Isto se explica pelo fato de João utilizar determinadas figuras-símbolo em seu evangelho para mostrar como certas pessoas reagem de modo próprio à mensagem de Jesus, tornando-se, assim, “modelos”. Desse modo, João denomina Maria como “**mãe**” de Jesus e do discípulo amado. Jesus, no entanto, a chama de “**mulher**”.

Maria em Caná (Jo 2, 1-12) (LER O TEXTO)

No casamento de Caná os protagonistas não são os noivos, mas Jesus e Maria. A cena de Caná representa o ponto culminante da parte que tem como tema principal o início da revelação de Jesus. O relato contém uma grande riqueza simbólica que visa mostrar a dimensão transcendente do fato como, aliás, João o faz muito bem no quarto evangelho. Nesse sentido, o sinal de Caná é mais que um milagre, já que neste evangelho os sinais têm sentido revelador; pois visam evidenciar algo sobre Jesus e estão relacionados à fé e adesão à sua pessoa.



Além disso, o sinal de Caná é original, só de João, e não é citado pelos evangelhos sinóticos. Estes tematizam a manifestação-glória do Pai em Jesus particularmente no batismo, na transfiguração e na ressurreição. No quarto evangelho a glória aparece como posse permanente de Jesus que passará por crescente processo de manifestação ao mundo. Seus sinais convidam as pessoas a se aproximarem dele e nele reconhecerem a manifestação da glória do Pai. O sinal de Caná apresenta o início da revelação messiânica de Jesus. Significa, portanto, o início de uma nova etapa salvífica realizada em Cristo que tem seu ponto alto na sua páscoa e se estende à comunidade cristã através do Paráclito.

¹ MURAD, Afonso, *Quem é esta mulher?* Maria na bíblia, São Paulo, Paulinas, 1996. Neste texto me refiro apenas ao Capítulo 4 – Companheira e mãe da comunidade: Maria no quarto evangelho, p. 153–193.

À luz de Caná pode-se deduzir que a missão maternal de Maria é a de **aglutinar a comunidade ao redor de Jesus** e ajudar as/os “servidores”/as a segui-lo, ouvindo-o e realizando sua vontade. Por isso, sua maternidade tem uma conotação específica em João, diferentemente de Mateus e Lucas: de **mãe-discípula** ela passa a ser **discípula-mãe**, como uma irmã mais velha na família, isto é, na nova comunidade eclesial.

Maria ao pé da cruz (Jo 19, 25-27) (LER O TEXTO)

Entre o relato de Caná e o da cruz atribui-se uma estreita relação: Caná representa Maria no início da vida pública de Jesus, quando ele inaugura sua manifestação ao mundo e, em especial, a seus discípulos. A cena ao pé da cruz, por sua vez, encontra-se no final e evidencia a plenitude da missão de Jesus. Maria marca sua presença **como mulher** e como **discípula-mãe** no início e no fim da missão de Jesus e da comunidade cristã. Isto significa quão importante era sua presença na comunidade do discípulo amado. Por isso, com muita propriedade ela pode ser considerada a **perfeita discípula-mãe**, modelo de fé, figura do Povo de Deus, apresentada por Jesus ao discípulo amado como **sua mãe** e **mãe da comunidade cristã**. Aqui reside a nova dimensão da maternidade de Maria, ou seja, sua nova função no plano da salvação.

No relato de Maria junto à Cruz sobressaem três aspectos complementares sobre sua pessoa: “**mulher**”, “**membro constitutivo da Igreja**” e “**mãe da comunidade**”. Como “**mulher**” ela é apresentada da mesma forma que em Caná e evidencia o valor e o lugar das mulheres na Comunidade-Igreja. Junto ao discípulo amado ela figura como **membro da Igreja**, representando sua dimensão feminina e materna. Como **mãe da comunidade cristã**, no entanto, Maria não é colocada em equivalência ao Pai, mas no nível da **mediação eclesial**. Sua maternidade é consequência da vontade de Jesus e da atitude de acolhida da comunidade.

RESUMINDO:

1. João vê Maria como **representante e imagem da comunidade das discípulas/os de Jesus**, personificada na figura da “**mulher**”, como em algumas expressões do Primeiro Testamento, onde o Povo de Deus é chamado de “Virgem de Israel” e “Filha de Sião” (Zc 9,9; Sf 3, 14; Jr 31, 3s). João utiliza a mesma expressão “**mulher**” ao se referir a outras mulheres – como Maria Madalena e a Samaritana – que também corroboraram no **testemunho-anúncio** de Jesus. Em Caná, Maria é “**a mulher**” e prepara a primeira **manifestação-anúncio** de Jesus aos seus discípulos e discípulas (Jo 2,4). O mesmo acontece na hora da exaltação de Jesus na cruz e da consumação de sua obra (Jo 19, 26).

2. João apresenta Maria como a **discípula exemplar, membro íntimo e ativo do grupo-comunidade** dos “servidores e servidoras”, “amigos e amigas” de Jesus. Aqui Maria desempenha um papel semelhante ao de Moisés, ou seja, o de **mediadora** que está pronta a ouvir e realizar tudo o que Deus pede a si e ao povo. Como Moisés, Maria exorta os discípulos/as e a comunidade que segue Jesus a se colocarem em atitude de escuta e obediência à vontade de Deus e de fidelidade à Nova Aliança, simbolizada nas núpcias e no vinho novo, signos também da nova era messiânica.

3. Outro aspecto que João destaca em Maria é a **fé**. Ela é a mulher que dá o “salto da fé” passando do **nível literal** para o **nível do sentido**; e faz sua experiência da perseverança na fé **junto com a comunidade** dos seguidores e seguidoras de Jesus. É nesse sentido que ela é “**mãe**” da comunidade.

4. Maria é também a **pedagoga da fé** visto que conduz a comunidade a crer em Jesus e a se aglutinar em torno dele. A túnica indivisa feita pela mãe de Jesus simboliza a comunidade que, mesmo após a morte de Jesus, permanece unida.

QUESTÕES PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO:

1º) Enquanto Lucas apresenta Jesus inaugurando sua missão na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,18s), para João o início da missão pública de Jesus ocorre numa refeição de casamento, ou seja, em família ou em comunidade, ou seja, no espaço profano, numa festa, e não no espaço religioso oficial do templo ou da sinagoga. Isso marca a compreensão que João tinha da missão de Jesus: “**Eu vim para que todos tenham vida em abundância**” (Jo 10,10).

Isto nos faz pensar quais são os espaços por onde nós iniciamos e circulamos na missão. Muitas vezes gostamos das inaugurações e bênçãos eclesiais, que são abundantes, dão visibilidade e imponência; e nos distanciamos, assim, do discipulado jesuânico-mariano e da diaconia joanina que nos convida a nos misturarmos na dinâmica da vida, ao “comum dos mortais” e a descobrimos que aí pode ter “vinho do bom”, mesmo que tenhamos que ir procurá-lo nos becos escuros ou na despensa vazia. Maria nos convoca para esse desafio missionário.

2º) A figura de Maria que salta aos olhos no texto de Caná é a de uma mulher discreta, observadora, solidária, capaz de sentir as ausências, mas também ousada, criativa, participativa, persistente, provocadora do novo. “**Quem sabe faz a hora e não espera acontecer**”. Maria, com seu jeito feminino soube apressar ou fazer acontecer a “hora” de Jesus. É o olhar teológico, da fé, atento, sensível, que leva a descobrir os apelos de Deus nas situações e acontecimentos históricos, para aí atuar com uma inserção ativa e fecunda. Esta releitura deve provocar ou aguçar em nós, mulheres e homens, a capacidade de escuta atenta da realidade, de ousadia, de propor o novo, de nos solidarizar com os que estão fora da festa da vida porque “não têm vinho”.

3º) Chama-me a atenção nesta releitura, o fato de a ênfase que sempre foi dada à maternidade de Maria pela tradição eclesial, em João ser deslocada para o discipulado: **discípula-mãe, companheira ativa da comunidade**; isto deveria provocar uma nova postura em relação ao ministério das mulheres na comunidade eclesial no sentido de maior reconhecimento, valorização e participação das mulheres nas iniciativas e tomadas de decisões; implica em reconhecer o direito das mulheres como definidoras e elaboradoras e não simplesmente como consumidoras ou guardiãs dos “bens simbólicos” da religião cristã; ou ainda como tarefeiras.

As Igrejas, em geral, valorizam e enaltecem as mulheres enquanto mães, esposas e “boas ativistas apostólicas”. Mas não reconhecem, de fato, sua plena

cidadania eclesial. A posição de Maria e das demais mulheres no quarto evangelho evidencia a prática de um **discipulado de iguais** na comunidade joanina, onde as mulheres eram valorizadas e respeitadas como discípulas, diáconas e líderes de comunidades. Nesse sentido, Maria é elemento chave e iluminador não apenas para a comunidade joanina, mas para toda a comunidade eclesial. De Maria, nós, mulheres, recebemos inspiração e força para reivindicarmos nosso verdadeiro e justo lugar nas Igrejas como “mulheres-discípulas”. Para que isso aconteça é preciso ter fé, *é preciso ter força, é preciso ter gana*, persistência e muita ousadia... como Maria... e não esperar pelas hierarquias masculinas, pois desses potes não vai sair nenhum “vinho novo” para nós mulheres como discípulas missionárias.

4º) Outro aspecto que me chama particularmente a atenção é a equiparação da mediação de Maria com a de Moisés. Se a liderança de Moisés manteve o povo unido em torno do projeto de Javé, a memória da capacidade aglutinadora de Maria manteve a comunidade joanina coesa em torno do projeto de Jesus. Como a mediação de Moisés foi determinante para a libertação do povo de Israel e para a fidelidade à Aliança com Javé, a mediação de Maria quer conduzir o povo para a escuta, a obediência e a busca da vontade de Jesus, conduzindo-o para a libertação e não para a alienação. Isto implica em revermos corajosamente nossas catequeses sobre Maria e propormos uma marialogia mais autêntica e libertadora.

5º) E nós, o que pensamos de Maria? **Como é nossa espiritualidade mariana hoje:** como cristãs adultas na fé e comprometidas no seguimento de Jesus? Ou como quem ainda tem a imagem do *“mãezinha do céu eu não sei rezar”*?

*Irmã Alzira Munhoz
Belo Horizonte – MG*